

CENAS DE
YOKO E
LENNON

Yoko Ono (em foto de David Bailey) fundiu arte pop e arte conceitual

Uma assinatura e seu espaço

Yoko Ono trabalha no espaço pós-modernista de prática permanente de criatividade como exercício de liberdade

O no. Ono, Yoko. Yoko Ono Lennon. Uma assinatura. Uma assinatura em três tempos. Uma assinatura e o espaço interativo que se constrói em torno de seu traçado. Assim se pode começar a falar de Yoko, na perspectiva de uma análise de seu lugar na arte contemporânea. Arte? Será ainda do estrito lugar da arte que se fala quando se busca situar o espaço relacional criado pela assinatura Ono Yoko? Se falo em assinatura, e não em obra, é porque algo mudou neste lugar antigamente sagrado, arte. Se falo em Yoko, falo de um lugar que não é mais exatamente "arte", embora seja ainda o espaço da criação artística. Espaço pós-modernista de prática permanente de criatividade como exercício de liberdade, tal como o definiu Mário Pedrosa falando de Hélio Oiticica. Sobretudo, espaço pós-duchampiano. Sobretudo, espaço pós-warholiano (de Andy Warhol).

Ao longo do tempo, nos meandros da assinatura Yoko, cultura pop e lugar tradicional da arte fundiram-se a tal ponto que criaram um terreno outro, quase um entre-lugar, para usar a expressão desconstrutivista reinterpretada no Brasil por Silvano Santiago. Entre-lugar: espaço de interseção e hibridação. Vendo o processo do ponto de vista do pop, constatamos que a assinatura Yoko opera no sentido de forçar uma singularização. O fã e a fã de Yoko são fãs de Yoko porque ela é Yoko e não necessariamente porque ela seja uma boa artista pop, embora ela talvez o seja. Nesse movimento, o pop fica menos homogêneo, menos pasteurizado. Lembre-se que a assinatura Yoko começou a impor-se como sinal de heterogêneo no mundo visível dos anos 60 à medida que apareceu como intervenção

de vanguarda. Quando começou a namorar e colaborar com John, os fãs, que naquela época eram todos, sem exceção, fãs dos Beatles em conjunto ou de algum dentre os quatro, espalharam ódio contra o que acreditavam ser a infiltração perversa representada por aquela mulher.

Yoko foi repudiada pelo simples fato de ser mulher, numa época em que o rock anglo-americano era muito misógino, tipo clube do bolinha. Foi repudiada por ser artista de vanguarda e também por ser oriental. De maneira estereotipada, acreditaram mesmo que ela era feia, que ela era bruxa, que ela vinha para dividir, lançando cizânia entre os machos. Mais de uma década depois, já carregando o trauma da morte de John, ao longo dos renormalizados e supercapitalistas anos 80, procedimentos e atitudes assumidas por Yoko, apesar de pós-vanguardistas, por trabalharem mais na pauta do estilo e da elegância que na da agressividade e do choque, continuaram afetando o imaginário pop no sentido da singularização, no sentido

de uma excentricidade que nunca chegou a ser absorvida pela mídia nem pelo mercado como artefato apenas pitoresco.

Ao contrário de Madonna, por exemplo, que é puríssimo pop, Yoko Ono cada vez menos separa sua vida privada de suas intervenções criadoras (música, instalações, poesia e textos falados e escritos). Madonna teve uma filha, mas o simulacro da mãezina *qua* mãezina quem faz é Yoko. Eis então o quarto momento de sua assinatura: Sean Ono Lennon. Nos anos 90, boa parte das intervenções criadoras de Yoko têm sido feitas em conjunto ou em apoio às aparições de seu filho com John, Sean. Beautiful boy. Para Yoko, cada vez mais, sua melhor obra é seu filho e o ato criador é, cada vez mais, presentificação

de uma carne e sangue, contato olho no olho com a *côterie* de fãs, que constitui uma espécie de lobby estético-existencial internacionalizado. Se Madonna é simulacro puro, Yoko Ono é simulacro visceral. Se Madonna faz ficção travesti, Yoko Ono faz autobiografia encenada. Madonna busca na eroticidade difusa e impessoal do ambiente pornopop uma espécie prê-*porter* de sublime banalizado, ao passo que Yoko, nos anos 60, dessublima e deserotiza (vide o filme das bundas), para, nos 80, retomar as questões de duas décadas antes, buscando estilizá-las ao máximo (como na significativa exposição do Whitney Museum de Nova Iorque em 1988).

Se a assinatura Yoko leva para o pop valores da arte moderna de vanguarda enquanto sucessão de gestos teatrais de interferência singularizadora e heterogeneizadora, por outro lado consolida, no lugar tradicional da arte, o que chamei acima de espaço pós-warholiano. Espaço de arte mesclado de pop. Arte no pop, pop na arte: a mão dupla de Yoko, seu entre-lugar. Lugar da racha. Reflexão mesclada a diversão. Nesse sentido, o experimental de Yoko, seja na criação de sonoridades, seja nas proposições simultaneamente conceituais, plásticas e ambientais, apresentadas em exposições e museus, é sempre um experimental meio adocicado, um experimental que perde seu edge, seu lado facasó-lâmina, para tangenciar o lúdico, o agradável, certa facilidade dialógica que dão a marca do pop por oposição à dureza hostil de um experimentalismo apenas vanguardista, apenas "arte".

Assim, trabalhando na interseção entre lugares hibridizados, o procedimento padrão que se pode associar à assinatura Yoko revela-se como operação de tradução do edge para linguagens

mais transitivas, buscando abrir-se à participação direta dos espectadores em situações interativas. Dessa forma, o evento criador, participativo, se oferece em função catártica, ou seja, antes como auto-crítica individual que como crítica do social. Tem mais a ver com harmonia yin/yang oriental que com ceticismo irônico ocidental. Essa reencenação constante de si mesma que a pessoa Yoko projeta sobre a assinatura Yoko Ono Lennon reveste ambas de uma qualidade que me sugere um Oscar Wilde às avessas. As avessas não porque Wilde fosse bicha e Ono seja mulher. As avessas por-

que, ainda em vida, e bem ao contrário de Wilde, Yoko conseguiu superar o ódio contra o heterogêneo que ela suscitou, vindo a terminar vitoriosa, no mínimo graças a inúmeras frases e aforismas de sua autoria que são bastante populares e frequentemente citados no mundo anglo-saxão (encontrei alguns links de "Yoko quotes" na Internet). Assim como

no caso de Wilde, o gosto dos fãs pelos aforismas de Yoko expressa o reconhecimento do seu esforço em fundir arte e vida, encarado como exercício de formas sucintas e contingenciais de sabedoria. Sabedoria, e não mais a "liberdade" abstrata e juvenil, como queriam as utopias dos 60. Yoko diria: refletir sobre o contingente traz a sabedoria que liberta. E você, leitor, leitora, assinaria em baixo?

ITALO MORICONI

Especial para o Jornal de Brasília

Italo Moriconi é professor de literatura da UERJ, poeta e autor do livro *Ana Cristina César*, da coleção *Perfis do Rio*